

ANPUH - XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal, RN. 22 a 26 de julho de 2013.

Memória da Arquitetura Neocolonial Luso-Brasileira na cidade de João Pessoa

IVAN CAVALCANTI FILHO*¹

CAMILA RENATA DE FIGUEIROA QUEIROZ**

Resumo

Na primeira metade do século passado, notadamente no período próximo às comemorações do Centenário da Independência do Brasil, as principais cidades brasileiras foram contempladas com edificações institucionais e residenciais carregadas de indicadores formais característicos daquela arquitetura produzida no período colonial. Essa nova linguagem foi denominada Neocolonial Luso-Brasileiro. Por meio dela os edifícios procuravam resgatar uma morfologia de caráter nacional num contexto onde prevaleciam modelos ecléticos e *Art Nouveau* importados da Europa de então. Através de um estudo de significativos exemplares do gênero edificados em João Pessoa, o presente trabalho procura registrar a memória dessa linguagem arquitetônica que teve expressivo papel no cenário da cidade no século XX.

Abstract

In the first half of the twentieth century, particularly during the commemorations for the Centennial of the Independence of Brazil, the main Brazilian cities were granted with edifices both institutional and residential furnished with characteristics from the architecture produced during colonial times. The new language was named Lusitanian-Brazilian neocolonial. Through it the buildings intended to bring back a national design within a context were eclectic and *art nouveau* models imported from Europe prevailed relating to architecture. By

* Professor de História da Arquitetura da UFPB. PhD em História da Arte, Oxford Brookes University, 2010.

**Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista PIBIC.

means of a study of significant examples built accordingly in the city of João Pessoa, the present essay intends to register the memory of this architectural language that played an important role in the scenery of the city from the last century.

O Neocolonial Luso-Brasileiro foi uma linguagem arquitetônica que se desenvolveu a partir do segundo quartel do século XX, primeiramente em São Paulo e no Rio de Janeiro, posteriormente se espalhando por todo o Brasil. Esse movimento artístico-cultural objetivava buscar uma identidade nacional no contexto da arquitetura numa época em que as edificações eram marcadas pelo ecletismo, representadas através de cópias de outros exemplares de época ou pela mistura de elementos e estilos que levavam à completa ausência de originalidade.

Discutia-se que tipo de arquitetura deveria ser produzida para refletir o espírito de modernidade vigente, além de haver o desejo de romper com modelos importados – ecléticos ou *Art Nouveau* – e produzir uma arquitetura genuinamente brasileira, voltada para a tradição local e para o original nacional. A utilização de elementos do período colonial tornava-se pois a solução ideal para o impasse, porém segundo uma ordem consonante com as imposições da época, distinta daquela utilizada nos precários moldes do Brasil-Colônia. Assim se estabeleceu a linguagem neocolonial Luso-Brasileira que, ao mesmo tempo que carregava um componente histórico, tradicional, sinalizava para outro provido da iminente modernidade. A contribuição de José Mariano Filho e do arquiteto Lúcio Costa foi fundamental nesse processo, onde o primeiro promoveu a visibilidade da vertente em termos da produção de artigos e concursos, e o segundo na efetiva materialização da linguagem através de projetos de edificações, a exemplo da residência de Adelaide Daudt de Oliveira, no Cosme Velho, no Rio de Janeiro.

Assim como em outras capitais, a cidade de João Pessoa, também foi contemplada em meados do século passado com exemplares do Neocolonial Luso-Brasileiro, os quais foram construídos, ou mesmo adaptados a partir de edifícios pré-existentes no Centro e em eixos da malha urbana em expansão. À exceção dos edifícios institucionais devidamente protegidos pelos órgãos de preservação, aqueles igualmente providos de elementos próprios da linguagem, estão em constante risco de descaracterização, devido a interesses econômicos suspeitos e à própria especulação imobiliária, que via de regra atenta contra a preservação da integridade da memória urbana da cidade.

Diante do exposto e da necessidade de manter vivo o diálogo que esses imóveis têm em potencial com a cidade e com a sociedade, enquanto registros concretos e eficazes da habilidade arquitetônica de uma época, a intenção do presente trabalho é estudar o Neocolonial Luso-Brasileiro considerando o contexto sócio-cultural que o envolveu e os fatores que concorreram para a sua consolidação. Nesse sentido os exemplares neocoloniais pessoenses serão ponderados como termômetros onde as características da linguagem são atendidas em maior ou menor proporção, sinalizando assim para o alcance dos objetivos inerentes à retórica neocolonial luso-brasileira.

Contexto Histórico

Como consequência da Revolução Industrial e influenciadas pela cultura européia e por suas reformas urbanísticas, as capitais brasileiras iniciaram o seu processo de modernização no início do século XX. No Rio de Janeiro, que era a capital do país, foram relevantes as reformas urbanísticas realizadas pelo prefeito Pereira Passos, como a abertura da Avenida Central, que se tornou um dos mais importantes eixos do centro da cidade. Tal ação representou a supressão do passado colonial, viabilizando a introdução de exemplares do ecletismo europeu, os quais materializavam o sentimento dominante de modernidade à época (PINHEIRO, 2011: 26; KESSEL, 2008: 67).

São Paulo, assumindo-se como centro industrial, financeiro e comercial, precisava se adequar aos modelos de modernização e embelezamento, e ser dotado de infra-estrutura capaz de suprir as necessidades da demanda em termos de saneamento, iluminação, circulação, assim como nas grandes metrópoles européias (PINHEIRO, 2011: 26; KESSEL, 2008: 81).

Dentro dessa ótica, ficava para trás a cidade colonial, com suas condições insalubres, suas edificações precárias e de aspecto retrógrado, sem planejamento viário prévio e carente de uma intervenção física moldada às novas demandas da era industrial.

Como era a arquitetura eclética que predominava na Europa, essa foi a linguagem absorvida pelas cidades brasileiras para traduzir a modernidade característica dos grandes centros urbanos europeus. Porém, quando transferido para o Brasil, o ecletismo perdia sua originalidade e apresentava-se como mera imitação de obras européias (BRUAND, 2008: 33). Com o ecletismo, a sociedade brasileira se via lançada no sonho de uma nova vida, moldada

pelo estilo francês e por novos cenários urbanos, onde era almejada por todos a abolição de um passado que os obrigava a sobreviver em condições precárias. Seu maior benefício estava na melhoria das moradias, que agora dispunham de ventilação e iluminação, haja vista os recortes dos volumes, aberturas e recuos das habitações, impostos pelas novas leis urbanísticas. Apesar desses recursos novos, havia uma carência de traços formais que identificassem a presença da cultura brasileira na produção arquitetônica (LEMOS, 1994: 148-149).

Coube a Jean Baptiste Debret, membro da Missão Francesa, os primeiros registros elaborados onde a arquitetura brasileira se fazia presente. Sendo pintor, Debret documentou na sua farta produção artística fatos e personagens históricos, destacando-se como um propagador dos aspectos gerais da vida cotidiana brasileira (PINHEIRO, 2011: 27), a ponto de, posteriormente, trabalhos seus servirem de referência quando veiculava a retórica por uma produção arquitetônica baseada na originalidade e na identidade nacional. Esse movimento que nasceu da necessidade de romper com o ecletismo estrangeiro e do anseio em estudar e produzir uma arquitetura calcada nas tradições nacionais ficou conhecido como Neocolonial.

O Neocolonial não foi um movimento originado no Brasil. Na verdade, nas primeiras décadas do século XX, todos os países do continente americano, com exceção do Canadá, passavam por um processo nostálgico, motivados por sentimento nacionalista que buscava reviver formas do seu passado colonial (SANTOS, 1977: 97-98; AMARAL, 1994: 11; ATIQUÉ, 2010: 205). Na verdade, o Neocolonial, em todos os países em que se desenvolveu, buscava o sentimento nacionalista no passado de colonização, porém, adequava-se aos novos valores de modernidade da época.

Nos outros países da América, motivados pelas comemorações dos centenários de Independência, surgiam manifestações que se baseavam na tradição hispânica e nos ornamentos barrocos e pré-colombianos como forma de combater as práticas ecléticas estrangeiras e ressaltar a própria identidade nacional (KESSEL, 2011: 28). Essas manifestações de valorização do passado colonial desenvolvidas em áreas de origem hispânica constituem a vertente Neocolonial conhecida por diferentes denominações, entre elas: *Mission Style*, ou Estilo Missões, Estilo Mexicano, Estilo Californiano ou Hispano-Americano (ATIQUÉ, 2010: 223). São características dessa vertente: pátios internos, arcadas, telhas cerâmicas do tipo capa e canal, beirais curtos ou inexistentes, lajotas cerâmicas ou lajes

de pedra para os pisos, torreão circular coberto por telhado cônico, alpendres com arcos plenos, abatidos ou goticizantes, janelas com venezianas ou com gradis de ferro trabalhado, revestimento rústico das fachadas com reboco grosso, entre outras (ATIQUE, 2010: 220-221).

No Brasil, essa vertente do Neocolonial, introduzida por Edgar Viana, arquiteto formado na Universidade da Pensilvânia, foi bem desenvolvida, principalmente no âmbito residencial. Quando o Neocolonial Hispano-Americano chegou ao Brasil, a outra vertente, também de caráter nostálgico e de sentimento nacionalista já era recorrente: o Neocolonial Luso-Brasileiro, o qual constitui o objeto da presente pesquisa.

O Neocolonial no Brasil: a contribuição de Ricardo Severo, Mariano Filho e Lúcio Costa

Em meio às efervescências urbanas, econômicas, sociais e culturais do início do século XX que propunham um futuro moderno, o Neocolonial surgiu com a perspectiva de produzir algo novo baseado no passado. Para a corrente Neocolonial Luso-Brasileira, a fonte da tradição histórica e artística nacional estava fundamentada no passado colonial brasileiro e foi Ricardo Severo, engenheiro civil e arqueólogo português que iniciou a discussão sobre essa temática. Para ele, o Neocolonial fazia ressurgir os elementos construtivos coloniais, onde a tradição lhes era inerente devido ao seu caráter estético original. Em contrapartida, negava a homogeneização e a universalização propostas pelo eclético ou pelo *Art Nouveau*, que representavam estilos falsos e desvinculados da tradição local e da identidade nacional. O Neocolonial Luso-Brasileiro propunha o retorno do caráter tradicional como expressão artística integrada ao meio local, ao meio ambiente físico e social, e à identidade do país, mesmo que para isso houvesse de agregar modelos importados da civilização portuguesa, na medida em que, no passado suas histórias foram entrelaçadas no contexto colonizador x colônia, absorvendo-se conseqüentemente muito da arquitetura e dos moldes portugueses (NATAL, 2009: 02). Por estabelecer uma relação do passado colonial entre a metrópole lusa e a colônia brasileira, é que essa vertente recebe o nome de Neocolonial Luso-Brasileiro.

Atique (2010: 211) apresenta algumas características dessa vertente: fachadas discretamente ornamentadas, os telhados apropriados ao clima, com largos beirais e telhas cerâmicas, alpendres, painéis de azulejos decorativos, pátios internos, janelas com ou sem sacadas e adornadas por rótulas, gelosias, adufas ou grades de ferro. Pinheiro (2011: 67) também destaca características da vertente Luso-Brasileira do Neocolonial que se apresentam em programas convencionais de plantas como: volutas, pináculos, telhados movimentados providos de telha capa-canal arrematados por “rabos de andorinha”.

A atuação de Ricardo Severo nos primeiros passos tomados pelo estilo Neocolonial seria ainda mais abrangente. Em 1914, se pronunciou a respeito de suas ideologias na conferência denominada “A Arte Tradicional no Brasil”, realizada na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo (PINHEIRO, 2011: 35). Em 1917 realizou uma segunda, com o mesmo título, porém esta teria como ouvinte a Associação discente da Escola Politécnica de São Paulo e também foi bastante prestigiada e sua repercussão, positiva (PINHEIRO, 2011: 40).

Outros dois eventos que contribuíram para a difusão da nova arquitetura foram: a Semana de Arte Moderna de 1922 e a Exposição Internacional de 1922, em comemoração ao primeiro Centenário da Independência do Brasil. Esses eventos representaram uma forte mobilização em torno de questões relativas ao sentimento nacionalista, ao passado nacional e sua tradição, ao que estava sendo produzido, e sobre o futuro ideal para o Brasil.

Apesar da grande atuação de Ricardo Severo como propagador do Neocolonial, foi Mariano Filho o maior responsável pela popularidade alcançada pelo movimento nas décadas de 1920 e 1930 no Rio de Janeiro (PINHEIRO, 2011: 133; NATAL, 2009: 06; TELLES, 1994: 238; SANTOS, 1977: 98). Tornou-se influente devido a seu engajamento e posicionamento crítico em relação à produção de arquitetura, expressando suas ideias através de artigos que revelavam seu olhar sobre os rumos da cultura brasileira e pela participação em instituições e organizações de arquitetos (TELLES, 1994: 238; KESSEL, 1999: 72).

Mariano Filho organizou um grupo de recém-formados arquitetos, entre eles Lúcio Costa, para visitar as cidades mineiras de Diamantina, São João Del Rey, Ouro Preto e Tiradentes, para registrar os detalhes da arquitetura colonial e disseminar o que era para ele a “arquitetura tradicional brasileira” entre os arquitetos e engenheiros do país. (ATIQUE, 2010: 209; NATAL, 2009: 07). Engajou-se no campo institucional, participando do processo de constituição e direção de diversas associações e sociedades de classe dos arquitetos, nas quais

se aproveitava de sua influência para realizar concursos de projetos, como aquele para a Casa Brasileira (1921), e aquele para o Solar Brasileiro (1923). Esses concursos possibilitaram que o Neocolonial fosse adotado pelos edifícios institucionais e ganhasse visibilidade na sociedade como um símbolo do sentimento nacionalista durante as primeiras décadas do século XX.

Além disso, foi por meio desses concursos de pré-requisitos neocoloniais promovidos por Mariano que Lúcio Costa, importante nome da arquitetura moderna brasileira, começou a produzir efetivamente. Em entrevista concedida ao jornal *A Noite*, em 1924, Lúcio Costa manifestou-se favorável à produção de uma arquitetura nacional, baseada na valorização do passado e na produção de uma arquitetura genuinamente brasileira (PINHEIRO, 2011: 183). Sua trajetória inicial sempre foi ligada ao ideário Neocolonial: participou de concursos sob a temática tradicional e projetou e construiu residências no estilo. No entanto, ao se tornar diretor da ENBA em 1930, Lúcio Costa entrou em contato com as vanguardas européias e passou a entusiasmar-se com as ideias do movimento moderno (KESSEL, 2011: 191).

Para Kessel (1999: 69), os movimentos neocolonial e moderno tinham a mesma opinião no que toca à arquitetura ter responsabilidade de explicar e alterar a organização social. Mas coube mesmo ao Neocolonial a função de recuperar a tradição e a origem pura da brasilidade, que havia sido perdida ou alterada pela urbanização e pelo progresso. O Neocolonial Luso-Brasileiro representou, dessa forma, a conscientização nacional da importância da criação de uma arquitetura que se impusesse como unidade estilística realmente brasileira e conseqüentemente abrindo as portas e plantando as sementes para o crescimento da arquitetura moderna no país.

O Neocolonial Luso-Brasileiro em João Pessoa

Igualmente às grandes cidades do Sudeste, o Neocolonial Luso-Brasileiro teve destaque na cidade de João Pessoa, durante as primeiras décadas do século XX, onde se instaurou de forma singela. Seu emprego, principalmente em edifícios institucionais, mostrava à sociedade que a arquitetura aos poucos abandonava os padrões ecléticos e tomava os rumos ditados pelas cidades-exponentes do Brasil.

A linguagem se fez produzir no período quando, na esfera urbana, o poder público realizou intervenções de melhoria dos serviços de infraestrutura, como o abastecimento de água, iluminação, rede de transportes, entre outros. Com a chegada de novos arquitetos, entre eles o arquiteto italiano Paschoal Fiorillo, a cidade começou a vislumbrar transformações nas novas tipologias arquitetônicas que iam sendo implantadas, visando por um lado atender a demanda da população e por outro, contemplar a nova gama de conceitos e princípios sanitários (PROJETO MEMÓRIA JOÃO PESSOA, 2013a).

Apesar de terem, em alguns casos, apenas suas fachadas reformadas para adquirir feições do novo estilo, os edifícios neocoloniais conferiram à cidade de João Pessoa o toque de atualidade, mesmo distante do seu núcleo nacional de maior atuação. Através do reconhecimento e mapeamento mental de trechos urbanos da cidade onde a vertente luso-brasileira se desenvolveu, percebeu-se que esta corrente teve sua expressividade na capital, notadamente no que se refere às edificações institucionais. Cinco delas foram identificadas como expressões do Neocolonial Luso-Brasileiro: no Centro, o atual Quartel do Comando Geral da Polícia Militar, antigo Ministério da Agricultura, situado junto à Praça Aristides Lobo; a Faculdade de Direito, localizada no entorno da Praça João Pessoa e o Instituto Dom Aauto, localizado na Rua Diogo Velho; no bairro de Tambiá, o Hospital Santa Isabel, localizado nas imediações da Praça da Independência; e no bairro de Jaguaribe, o Orfanato Dom Ulrico, na Avenida João Machado. No setor estudado mais dois imóveis, originalmente de uso residencial, podem ser registrados como exemplares da linguagem em estudo: um situado à Avenida Monsenhor Walfredo Leal, no bairro Tambiá, onde funciona atualmente o Sindicato dos Engenheiros e o outro localizado à Rua Vigário Sarlem, no entorno da Praça São Francisco (Figura 01).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

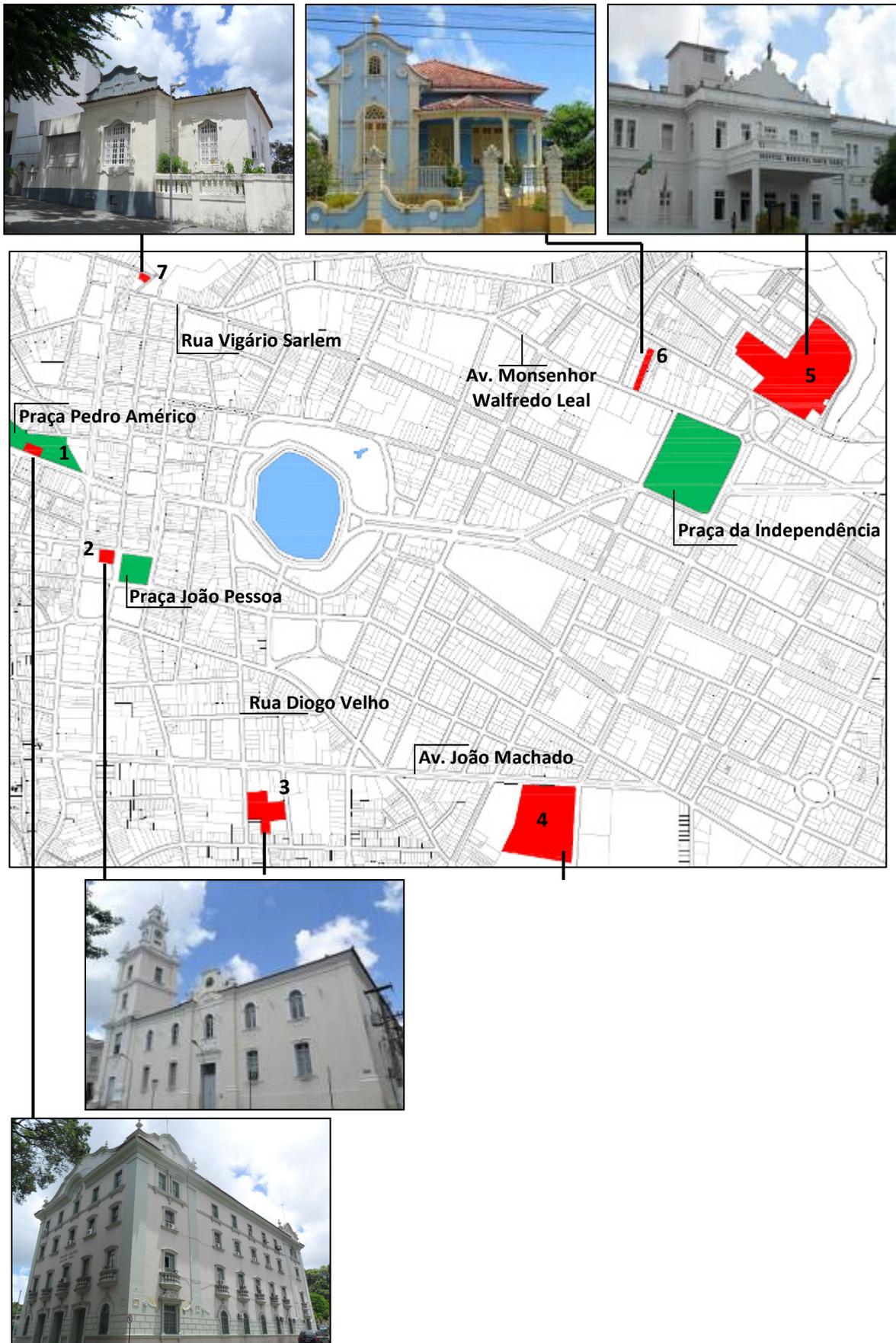


Figura 01: Reconhecimento/mapeamento das edificações da vertente Luso-Brasileira do Neocolonial na cidade de João Pessoa. Fonte: Arquivo Pessoal.

É importante ressaltar que algumas dessas edificações - a exemplo do Quartel do Comando Geral da Polícia Militar e da Faculdade de Direito - contemplam a vertente no que diz respeito à sua morfologia externa, pois foram construídas antes da eclosão da corrente Neocolonial e, devido a sua difusão no cenário arquitetônico da época, tiveram suas fachadas reformadas e acrescidas de elementos neocoloniais, mantendo inclusive suas plantas convencionais. Outras, no entanto, foram construídas na época que o Neocolonial se consolidava e por esse motivo já foram erguidas segundo os preceitos dessa tipologia, como o Hospital Santa Isabel, o Instituto Dom Aduato e o Orfanato Dom Ulrico.

Para um maior conhecimento sobre os imóveis supracitados, segue um registro fotográfico dos mesmos destacando alguns de seus indicadores morfológicos, bem como uma rápida análise da sua volumetria geral.

QUARTEL DO COMANDO GERAL DA POLÍCIA MILITAR

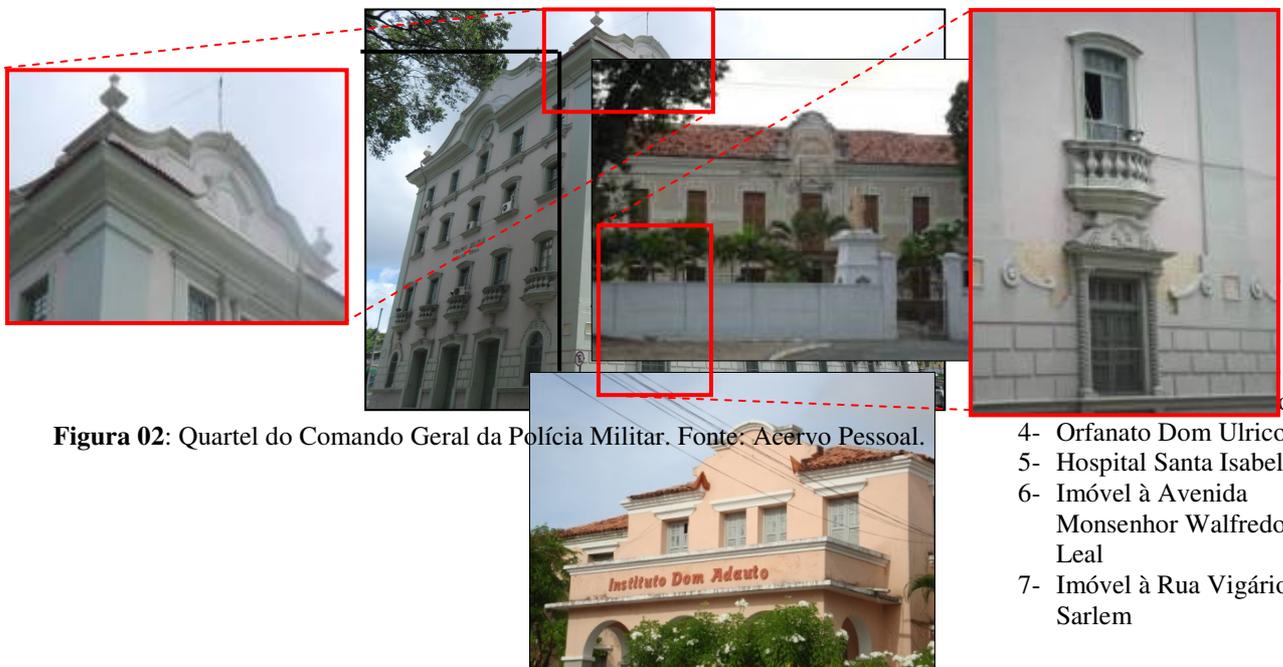


Figura 02: Quartel do Comando Geral da Polícia Militar. Fonte: Acervo Pessoal.

- 4- Orfanato Dom Ulrico
- 5- Hospital Santa Isabel
- 6- Imóvel à Avenida Monsenhor Walfredo Leal
- 7- Imóvel à Rua Vigário Sarlem

Este edifício está situado entre as praças Pedro Américo e Aristides Lobo no Centro de João Pessoa. Sua construção foi concluída em 1868 – em estilo neoclássico (Figura 03) – para sediar o Tesouro Provincial. Durante o século XX, quando a cidade passou por uma série de

reformas sanitárias e melhoramentos urbanos que transmitiam uma fase de prosperidade e modernidade, o edifício foi reformado, ganhando mais dois pavimentos. Inaugurado em 1931, adotou elementos do Neocolonial Luso-Brasileiro em sua fachada, porém manteve seu programa de planta convencional (PROJETO MEMÓRIA JOÃO PESSOA, 2013b). Esta edificação apresenta frontão adornado com curvas e contracurvas, pináculos, telha capa-canal arrematada por “rabo-de-andorinha”, balcões com balaustres encimando aberturas flanqueadas por colunas retorcidas e pequenas volutas.



Figura 03: Tesouro Provincial (1868).
Fonte: Acervo Humberto Nóbrega.

FACULDADE DE DIREITO

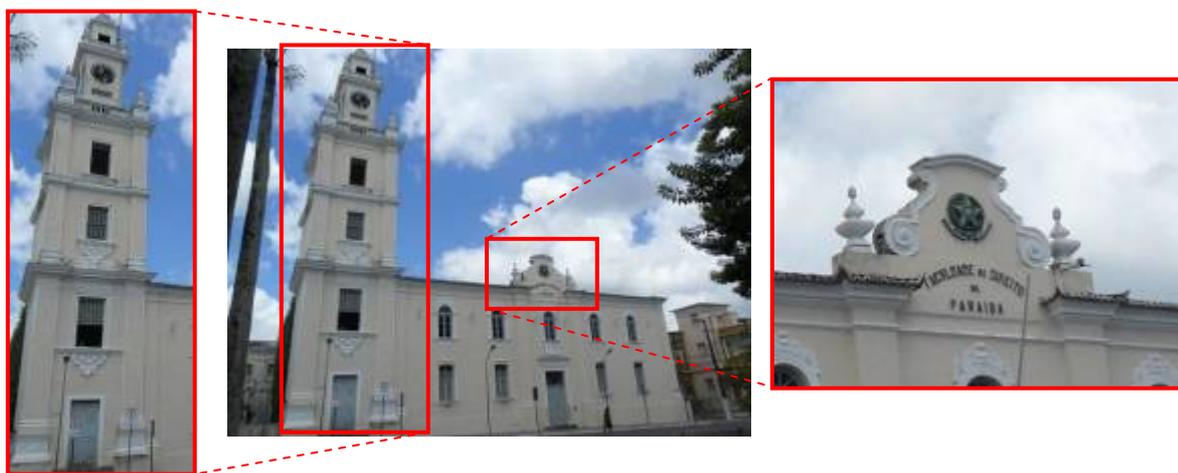


Figura 04: Faculdade de Direito. Fonte: Acervo Pessoal.

Erguido em 1586 na atual Praça João Pessoa, o conjunto que reunia a atual Faculdade de Direito, o Palácio do Governo e a antiga Igreja de Nossa Senhora da Conceição (demolida em 1929), abrigava o seminário, o Colégio e residência, e a casa de oração da ordem jesuíta, respectivamente. De leitura neoclássica (Figura 05), o antigo seminário foi reformado no

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁ

segundo decênio do século passado a fim de adequar-se às exigências higiênicas da época, recebendo algumas salas de aula e nova fachada, caracterizada pela inserção de frontão adornado com volutas em relevo e pináculos (PROJETO MEMÓRIA JOÃO PESSOA, 2013c). Nota-se também em sua composição o telhado composto de telhas capa-canal, os “rabos-de-andorinha” e as janelas de arco pleno ornadas com pequenas volutas. A torre anexa, inicialmente da Igreja da Conceição dos Militares (Figura 06), demolida em 1929, foi integrada ao edifício já reformado, sendo coroada por pequena torre-relógio.



INSTITUTO DOM ADAUTO



Figura 05: Fachada neoclássica da Faculdade de Direito (1910). Fonte: Acervo Walfredo Rodrigues.



Figura 06: Fachada da Igreja da Conceição dos Militares (1919). Fonte: Acervo Walfredo Rodrigues.

Figura 07: Instituto Dom Aduato. Fonte: Acervo Pessoal.

Com seu frontão adornado com curvas, telhado movimentado, telhas capa-canal arrematadas por “rabos-de-andorinha” e sua implantação com recuos frontal, lateral e de

fundos condizente com prerrogativas climáticas e sanitárias, este edifício de meados do século XX, se destaca no cenário pessoense, configurando-se como mais uma edificação institucional que difundiu a linguagem neocolonial como sinônimo de progresso e modernidade para a época.

ORFANATO DOM ULRICO

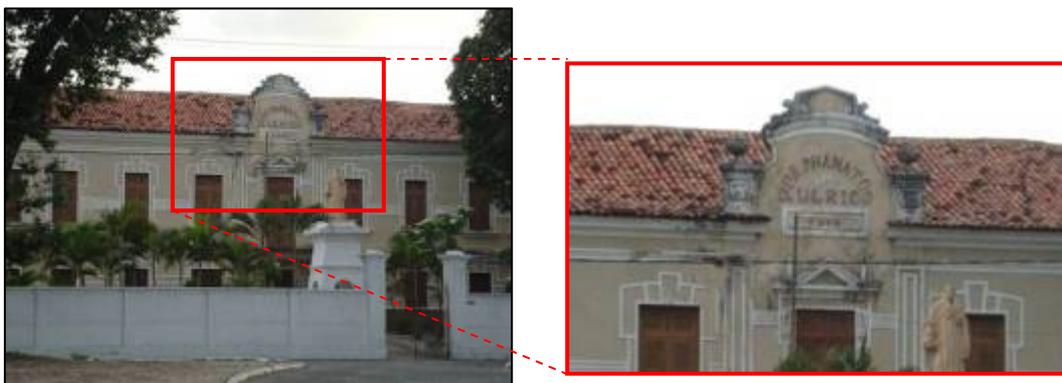


Figura 08: Orfanato Dom Ulrico. Fonte: Acervo Pessoal.

Caracterizado por frontão guarnecido de curvas e contracurvas, cornija, pequenas volutas e pináculos encimando pedestais, telhado em quatro águas com telhas capa-canal e janelas emolduradas por frisos em relevo, este edifício, inaugurado em 1922, também se apresenta como uma importante obra característica do Neocolonial Luso-Brasileiro em João Pessoa (PROJETO MEMÓRIA JOÃO PESSOA, 2013d).

HOSPITAL SANTA ISABEL



Inaugurado em 1914 por iniciativa da Santa Casa de Misericórdia, este edifício implantado em terreno afastado do núcleo urbano por medidas de salubridade e higienização, foi projetado segundo moldes neocoloniais, que na época refletiam a modernidade e o progresso (PROJETO MEMÓRIA JOÃO PESSOA, 2013e). A disposição geral da edificação remete à tipologia concebida por Ricardo Severo para o Hospital da Beneficência Portuguesa, em Santos, São Paulo.

Figura 10: Imóvel à Av. Monsenhor Walfredo Leal



Figura 10: Imóvel à Av. Monsenhor Walfredo Leal. Fonte: Acervo Pessoal.

Com seu frontão coroadado por cornija curvilínea, além da coberta com telha cerâmica, o uso de pináculo e volutas, esta edificação situada em terreno próximo ao Hospital Santa Isabel, está inserida num trecho urbano em que o estilo neocolonial se desenvolveria durante a primeira metade do século XX em João Pessoa. Lateralmente apresenta balcão baixo e várias aberturas que, juntamente com os recuos garantem a iluminação e a ventilação exigidas pelas normas de higienização da época.

IMÓVEL À RUA VIGÁRIO SARLEM



Implantada com recuos próprios à época de sua construção, esta edificação apresenta como características principais: frontão adornado com volutas, telhas capa-canal superpondo cornija e janelas guarnecidas de cercaduras em alvenaria com desenhos neobarrocos.

Considerações Finais

A partir da década de 1930, a busca por uma identidade nacional era um anseio da cultura brasileira que, a exemplo de toda a América, já não desejava continuar com as amarras ao ecletismo estrangeiro. Os diversos eventos e manifestações do período, além de expressar o espírito eminente, permitiam a disseminação cada vez maior do sentimento nacionalista e do desejo pela liberdade produtiva. A Ricardo Severo coube a tarefa de despertar para a necessidade de substituição dos valores ecléticos por concepções arquitetônicas que valorizassem as condições locais e traduzisse a verdadeira identidade brasileira. Já Mariano Filho, permitiu que o Neocolonial Luso-Brasileiro ganhasse visibilidade e popularidade na sociedade brasileira, e desse abertura para o surgimento de ícones como Lúcio Costa.

Nesse contexto, a cidade de João Pessoa deu sua parcela de contribuição ao Neocolonial Luso-Brasileiro quando edifícios institucionais pré-existentes tiveram suas fachadas reformuladas segundo a “nova” linguagem, e novos edifícios do gênero incorporaram os pressupostos neocoloniais à sua morfologia geral. No tocante à arquitetura residencial não foi diferente, apesar de não ser quantitativamente expressivo, o Neocolonial Luso-Brasileiro se fez representar completamente adaptado às exigências de higiene e salubridade impostas pelas leis municipais através de jogos de volumes, aberturas e recuos.

Uma vez considerados os fatores que concorreram para a consolidação do Neocolonial Luso-Brasileiro, e registrados os principais exemplares dessa linguagem arquitetônica na cidade de João Pessoa, percebe-se a importância que o movimento teve no cenário urbano da época como agente propagador de uma cultura nacionalista. A preservação dessa memória torna-se pois imprescindível, já que destaca características tradicionais de nossa arquitetura, permitindo assim que a história da cidade seja contada pelos próprios edifícios, que são verdadeiras testemunhas do passado. Nesse sentido, vale registrar a necessidade de proteção desse valioso patrimônio, notadamente aqueles exemplares de uso não institucional que, por

não estarem cadastrados ou tombados nos órgãos de preservação, correm o risco de serem descaracterizados ou destruídos, atentando assim contra a integridade da memória arquitetônica de nossa cidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Fondo de Cultura Económica; Memorial da América Latina, 1994.

ATIQUÉ, Fernando. *Arquitetando a Boa Vizinhaça: Arquitetura, Cidade e Cultura nas Relações Brasil – Estados Unidos 1876 – 1945*. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

AZEVEDO, Ricardo Marques de. Las ideas de Ricardo Severo y la relación com el academicismo. In: AMARAL, Aracy (Ed). *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Fondo de Cultura Económica; Memorial da América Latina, 1994, p. 249-258.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

KESSEL, Carlos. *Arquitetura Neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade*. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008.

_____. *Estilo, discurso, poder: arquitetura neocolonial no Brasil*. Artigo Doutorado História Social. IFCS-UFRJ. Campinas, 1999, p. 65-94. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/179>>. Acesso em: Janeiro 2013.

_____. *Vanguarda efêmera: arquitetura neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 30, 2002, p.110-128. Disponível em : <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2177>>. Acesso em: Janeiro 2013.

LEMOS, Carlos A. C. El estilo que nunca existió. In: AMARAL, Aracy (Ed). *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Fondo de Cultura Económica; Memorial da América Latina, 1994, p. 147-164.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no Debate Cultural dos Anos 1920 no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

NATAL, Caion Meneguello. *A retórica da tradição: tempos e espaços da arquitetura neocolonial no Brasil, 1914-1930*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁ

Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/?p=13859>>. Acesso em: Janeiro 2013.

PROJETO MEMÓRIA JOÃO PESSOA. *O Século XX – Da cidade da Paraíba à cidade de João Pessoa*. Em: <http://www.memoriajoaopessoa.com.br/formacao/06_seculo_xx/>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2013

_____. *Identificação do Imóvel: Comando da Polícia Militar da Paraíba*. Em: <<http://www.memoriajoaopessoa.com.br/acervo/>>. Acesso em: Janeiro 2013.

_____. *Identificação do Imóvel: Faculdade de Direito*. Em: <<http://www.memoriajoaopessoa.com.br/acervo/>>. Acesso em: Janeiro 2013.

_____. *Identificação do Imóvel: Instituto Dom Ulrico*. Em: <<http://www.memoriajoaopessoa.com.br/acervo/>>. Acesso em: Janeiro 2013.

_____. *Identificação do Imóvel: Hospital Santa Isabel*. Em: <<http://www.memoriajoaopessoa.com.br/acervo/>>. Acesso em: Janeiro 2013.

SANTOS, Paulo F. *Quatro Séculos de Arquitetura*. Rio de Janeiro: Fundação Rosimar Pimentel, 1977, p. 97-104.

TELLES, Augusto da Silva. Neocolonial: la polémica de José Mariano. In: AMARAL, Aracy (Ed). *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Fondo de Cultura Económica; Memorial da América Latina, 1994, p. 237-248.